



**NÃO BASTA TROCÁ-LOS... É POR ESTE UM  
BOCADO MAIS À  
ESQUERDA!**



# OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS



Vocês já viram que a C.I.A. não pára? Depois de toda a gente no mundo, desde o polo norte ao polo sul ter ficado a saber o que ela tinha feito no Chile, dava a impressão que com um bocadinho de decoro, as suas actividades passassem para um "pianíssimo" de forma a não fazer ondas. Mas qual! Os grandes cérebros desse gigantesco romance policial que cobre todo o mundo não se preocupam com tais ninharias: o Chile já está arrumado, vamos arranjar outro campo. E agora parece que é no Peru.

Os peruanos estão de facto prevenidos, e a verdade é que homem prevenido vale por dois. Mas perante os métodos da C.I.A. valerá mesmo?

O jornal peruano "El Comercio" denuncia claramente as manobras "Ciescas" e diz que ela está a utilizar a "Sociedade Interamericana de Imprensa". Puxar pela esquerda ou pela direita, não faz diferença nenhuma à C.I.A. O que lhe interessa é desequilibrar o barco. Para depois quando ele se estiver a afundar o ir buscar e pôr a flutuar por sua conta...

Ora aí têm vocês, que é para não serem machistas. O Partido Socialista Luxemburguês elegeu para presidente a Sra. Lydie Schmit, uma professora de Letras de 36 anos.

E não venham depois para cá dizer que os grandes chefes são sempre homens. Porque no Luxemburgo o Socialismo é mesmo assim: direitos iguais para homens e mulheres, e ao que parece a eleição foi ganha por esmagadora maioria...

Mestre Kissinger também não quer criar ferrugem. Embora um bocado abanado no seu prestígio, por terem vindo ao de cima algumas "mazelas" que ele preferia que ficassem no segredo dos deuses, lá fez outra vez as malas para ir até ao Médio Oriente.

Com efeito ele ali sempre tem uma grande safa: quando o não receberem bem no Egipto vai para Israel. Quando a Síria lhe torcer o nariz, vai para o Iraque. E quando todos lhe disserem que já não acreditam nas suas patranhas, naturalmente chama abutres a todos e volta para Washington para curtir o desgosto e lembrar as glórias passadas ao ver os recortes dos jornais do ano passado...

Na Itália, mesmo com o governo a ver se se equilibra, a Polícia decidiu fazer uma operação gigantesca de guerra ao crime.

E foi digno de se ver.

Mais de 2000 carabineiros, coadjuvados por cães policiaes e por helicópteros correram a pente fo o norte do país.

Os resultados foram espectaculares. Quase oitocentas prisões, das quais se mantiveram perto de seiscentas, deram em resultado a apreensão de objectos roubados no valor de mais de vinte mil contos, caçando ainda 102 armas, sete granadas de mão, vinte quilos de explosivos e mais de três mil balas.

Assim é que é, Madona mia!

## O CHAPELINHO COR-DE-ROSA E A IMPRENSA ESTRANGEIRA

persecutória

É PORQUE ME OLHAM ASSIM E FAZEM PERGUNTAS TÃO INSINUANTES VÓZVINHAS?

É PARA TE PODER VER MELHOR E ENGANAR-TE MESMO NAS BOCHECHAS, MARINHO...



UM GOVERNO DA PIDE NO EXÍLIO SÓ PODIA LEMBRAR MESMO AQUELES FILHOS DO ESTADO NOVO... TENHO QUE VER SE ARRANJO DEPRESSA UM PASSAPORTE E UM GAGETE...

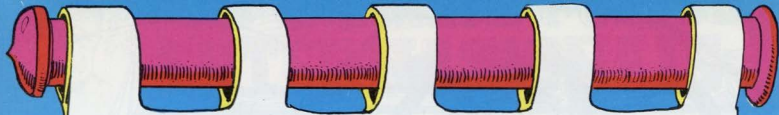




MAS SERÁ MESMO  
VERDADE QUE  
ELES GOMEM  
CRIANÇINHAS  
????????



UNICHO TO  
REMONS  
74



PU-PU  
POPUUUUU

CRONICAS  
MEDIEVAIS

# O BIP DE OBRA

D. BRIOLANJA

— Meu senhor esposo, vinde cá que temos que conversar!

EL-REI

— Senhora, grato vos ficarei se vos deixardes de peneiras. E bom seria que vos convenceceis que não estou de barriga para caldos. . .

D. BRIOLANJA

— Demais o sei! A vossa rotunda pança agora só funciona a cachaça. . .

EL-REI

— A minha pança só a mim diz respeito. E por falta de respeito, bom seria que também vós mostrasseis, ao menos quando não estamos sós, um pouco mais de respeito por mim que afinal e tanto que eu saiba, ainda sou o vosso amo e senhor!

D. BRIOLANJA

— Ah, ah, deixai-me rir antes que me olvide! E soides vós que me falades em peneiras! Quem julgades vós que soides?

EL-REI

— Senhora, se continuades a xeringar, aproveitarei a ocasião, e levareis uma lamira nessa vetusta fussa que talvez até fique com melhor aspecto!

D. BRIOLANJA

— Atrevide-vos e fareide-vos-ei a maior cena que alguma vez vos hão feito! E ao pé dela, aquele triste episódio dos idos de Abril seria uma simples e amigável conversa em família. . .

EL-REI

— Deixai-vos de fitas e não me faleides em conversas de família, que é coisa que me faz engulhos. Se não fossem essas conversas, não tinha talvez eu viajado no electrico do Carmo. . .

D. BRIOLANJA

— Ora, ora. . . Lá continuades vós com peneiras! Bem sabeides que as patacoades do vosso antigo secretário D. Marcelino Pepsodente da Catana eram simples nuvens de fumo a encobrir aquela vossa mania de reinar. . .

EL-REI

— Calai-vos, bronquítica, analfabeta e inconsequente matrona! Não vos esqueçades que fortes ventos sopram ainda no meu antigo reino, e que é uso dizer-se que mudam-se os tempos e mudam-se as vontades!

D. BRIOLANJA

— E vós a dar-lhe e a burra a fugir! Então ainda estades convencido que voltareides ao vosso antigo emprego? Não percebeides que estades mais que saneado, ô insalubre e pre-histórico fóssil?

EL-REI

— Senhora, sinto um crescente desejo de viuvez. Se não mudaiades de conversa bem prestes e como não tenho aqui asinha os meus esbirros habituais, sinto-me inclinado a pedir aos seus colegas do esquadrão da morte para vos limparem o cebo. . .

D. BRIOLANJA

— Os vossos esbirros habituais, essas pidicas aventuras, também já foram saneadas. Melhor será que dos deixeiades de gabarolices dos bons velhos tempos e atenteides no que hei para vos dizer.

EL-REI

— Pois dizeide, mais dizeide prestes e depois cavai-de. Espero breve a chegada dum dos meus mais lidimos servidores que me vem dar conta do que se tem ultimamente passado no nosso antigo reino. . .

D. BRIOLANJA

— O que hei para vos dizer é que mister se torna arranjardes um emprego qualquer. As fanfas que em jeito de tença esmoler recebemos no principio de cada mês, já não chegam nem p'ra bucha. E bem sabeides que tanto eu como nossa estremosa filha Aldegundes havemos mister de comprar novos brocados e sedas para a nossa vida em sociedade. . .

EL-REI

— Tiraide tais ideias desse engelhado capacete! Quem tal poderia pensar? Um rei, na sua vetusta e nobre idade a trabalhar? Estaiades com os miolos atacados de reumatismo, ou tendes pulgas? Se quereides sedas e brocados, trabalhai-de vós que para isso tendes bom corpo!

ALDEGUNDES

— Olá papá! Olá mamã! Estaiades conversando?

Cont na pág. 10

# Crónica nortenha e o mais que à rede venha



## BOTES

Para os devidos efeitos, declaro nada ter a ver com o misterioso iste — na aparência, aliás, anormalmente carregado — que, no mês corrente, dias a fio se entreteve em estranhas manobras ao longo de Vila Praia de Âncora, causando gerais suspeitas e alvoroço.

De facto, não possuo (Gama e Cabral me perdoem!) qualquer vocação marítima, nem sequer colheção de praia. E "NAVEGO" PESSIMAMENTE QUANDO TRAGO "CARGA" A MAIS...

## MÃOS

Não tem havido santo que valha a Maria Isabel Perón, nas suas tentativas para sustar a vaga de anarquia e de violência que forças políticas extremistas e opostas ameaçam instalar na Argentina. Foi seguramente por isso que, em desespero de causa, acabou por resolver dirigir-se directa e publicamente a Deus.

Fá-lo há semanas, no decurso de um importante comércio em Buenos Aires e, segundo as agências, com estas palavras: "peço a Deus para colocar a sua mão naqueles que apenas sabem matar e apenas pretendem prejudicar a via para a libertação e pacificação nacionais".

Diplomaticamente, a simpática "Isabelita" só não esclareceu se queria que Deus "colocasse a sua mão" para redimi-los ou para puni-los, para conceder-lhes misericórdia ou para distribuir-lhes castigo. Racionalmente, tem, pois, de admitir-se que pensava, talvez, na última hipótese. E que, se calhar, estará até disposta a dar-Lhe UMA AJUDA...

## FAMÍLIAS

Ocupam desde há pouco a presidência das Câmaras Municipais do Porto e de Gaia, o srq. Artur de Andrade e o sr. Alberto Andrade, os quais — estou em condições de revelá-lo — PERTENCEM, REALMENTE, À MESMA FAMÍLIA.

Quero dizer: são ambos democratas.

(Desculpem-lhe o mau jeito os eventuais leitores reacçãoários — lagarto, lagarto! — que estivessem a aguçar o dente para um escândalozito "à moda antiga"...)

## MELROS

Não lhes pareceu — como me pareceu a mim — conhecido e familiar aquele melro que durante algum tempo lançou em pânico o pobre chefe de uma estação de caminho-de-ferro dos arredores de Berna, substituindo o seu apito por assobios que eram perfeitas imitações e fazendo assim, com que os comboios se pusessem em andamento, regra geral antes de hora marcada? Não terá andado também por cá, mas a desempenhar o papel inverso? Isto é, não a acelerar as partidas e a marcha das composições — MAS A RETARDÁ-LAS?

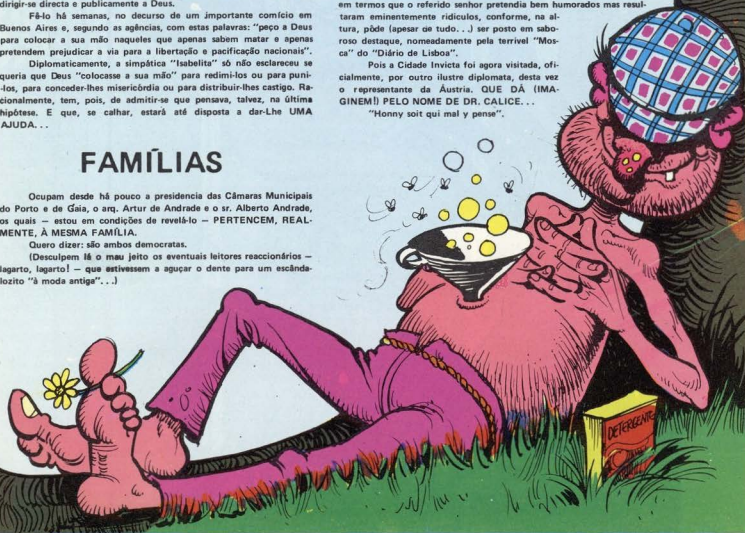
Não falando já, é claro; nos outros "melros" que em 26 de Setembro pensaram fazer-nos a todos — DESCARRILAR...

## NOMES

Um dos últimos embaixadores americanos em Lisboa ficou célebre pelo seu "apego" ao vinho do Porto — autoconfessado no decurso de uma vinda ao Norte há coisa talvez de um ano, num jantar e em termos que o referido senhor pretendia bem humorados mas resultaram eminentemente ridículos, conforme, na altura, pôde (apesar do tudo...) ser posto em sabroso destaque, nomeadamente pela terrível "Mosca" do "Diário de Lisboa".

Pois a Cidade Invicta foi agora visitada, oficialmente, por outro ilustre diplomata, desta vez o representante da Áustria. QUE DÁ (IMAGINEM!) PELO NOME DE DR. CALICE...

"Honey soit qui mal y pense".



# rebola . bola

Poist O Sporting lá dtu seist Aquilo devia ser uma espécie de prisão de ventre que por lá havia. Passavam-se os jogos... e nada! Nunca saia nada! Não havia dúvida que estava entupido...

Mas não há mal que sempre dure: os leões devem ter tomado uma purga qualquer e como resultado logo a seguir foram saís.

E o resto fica para se ver. A procriação ainda vai na praça...

res, que tinha havido de tradicionais aldrabices de se nomear um "seleccionador" (cuja função seria natural-

po a seleccionar, e como para isso o melhor é ao se cansar muito de cada vez, agora nesta provazita sem importância

E viu-se que sabiam...

Ainda a propósito dos "Karts", palavra de honra que

das, espadinhas e espadalhões, por aqueles pequeninos carros.

Vocês já pensaram? São pequeninos, maneirinhos, arrumam-se no vão da escada, cabem mais de mil numa rua e dão muito mais espaço.

Devem gastar pouca gasolina, e têm a grande vantagem de não levar penduras.

Vamos propôr a democratização do automobilismo, com a fundação do novo partido cartista? Eu entro logo para sócio!

## COISAS

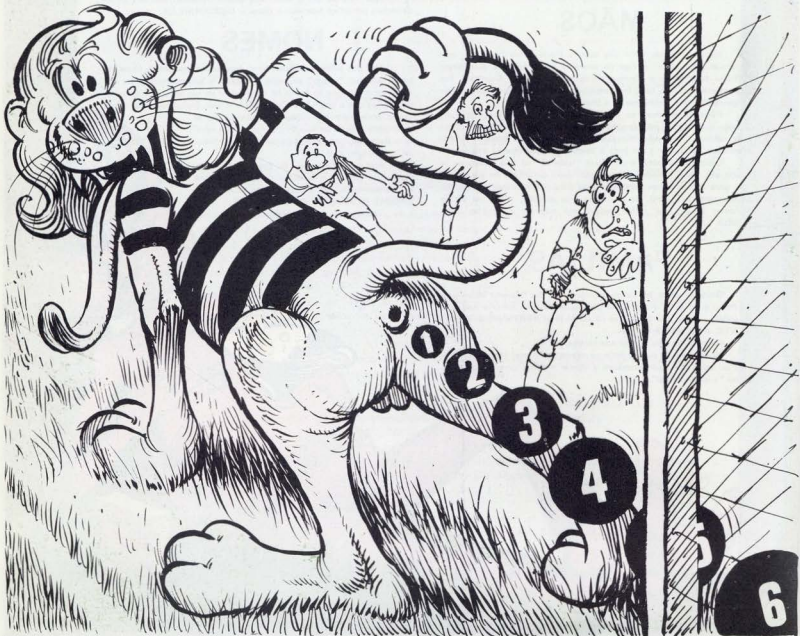
O que é que vocês dizem daquele campeonato dos automeizeinhos muito pequeninos? Houve quem dissesse que não tinha corrido os portugueses que eram os melho-

mente a de seleccionar) mas que depois o A.C.P. lhe tinha dito: Menino, como a gente quer que um seleccionador se mantenha durante muito tem-

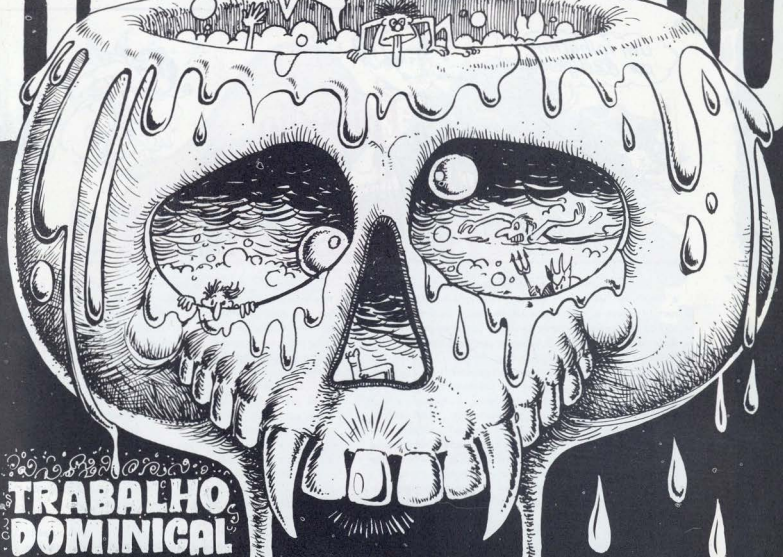
po é o campeonato do mundo, a gente não quer que vo-cemecê comece já a gastar o bestunto. A gente escolhe, que a gente é que sabe.

eu não percebo porque razão é que não sai uma lei que obrigue as pessoas todas que andam aí pela cidade de automóvel, a trocar os seus espa-

A Televisão vai dar um futebol! A Televisão vai dar um futebol! A Televisão vai transmitir o desafio do Benfica! Ah, grande televisão, tu é que sabes do que o Zé gosta!



# TUMOR: NEGRO



## TRABALHO DOMINICAL

Ora como no domingo passado era dia de trabalho, eu achei que tinha também que fazer alguma coisa.

Sim porque isto de a gente dizer que o trabalho intelectual é uma rica desculpa para não fazer nenhum. E por isso eu cá muito no fundo achei muito bem que as pessoas todas fossem trabalhar, mas trabalhar a sério.

E logo de manhã disse com os meus botões (os do pijama, claro!):

— Jeremias, tu hoje vais dar um exemplo de trabalho. E nenhum trabalho deve ser considerado humilhante para um espírito superior como o teu. Quanto mais desceres, mais sobes!

Isto é uma grande verdade. Porque eu moro num cubículo do sétimo andar, e já sabia que se descesse à rua tinha que voltar a subir. Mas as grandes frases dos grandes homens, têm sempre destes contrastes ignorados do grande público.

E assim foi. No domingo logo de manhãzinha — ainda não eram onze horas — vesti as calças velhas e umas alpargatas, pus uma camisa toda rota que lá tenho em casa para os dias de limpeza, e vim para a rua.

Tinha começado a coçar a cabeça para ver se descobria o que é que eu havia de honrar com o meu honrado trabalho,

quando vi os recipientes de lixo completamente cheios até acima, e com os papeis a voarem pela rua, porque uma porteira qualquer os tinha deixado destapados.

— Ora aqui está um trabalho digno! — disse eu desta vez aos botões das calças — Vamos lá a limpar toda esta porcaria. O melhor é começar por apanhar todos estes papeis.

E palavras não eram ditas (até porque eu tinha pensado, e não ando por aí a falar sozinho) comecei à rebusca dos papeis.

Tinha já apanhado um bom molho deles, que tinha debaixo do braço para não perder tempo, quando ouvi uma voz mal encarada ao meu lado:

— Ouve lá, ó lingrinhas: quem é que te deu ordem de vires aqui apanhar estes papeis?

Voltei-me surpreendido e indignado pelo tom da pergunta e deparei com um enorme matrona — teria uns 120 quilos bem pesados — de mãos nas ancas e cabelo na ventá.

Enchi-me de coragem, e respondi:

— E o que é que a senhora tem com isso? Tenho ordem e não tenho nada que lhe dar satisfação! Quem é a senhora, para me vir perguntar isso?

— Quem sou eu? Olha o palerma! Então tu não sabes que eu sou a concessionária da recolha do papel nesta zona? Então tu não sabes que isto aqui é o meu ganha-pão?

Então tu não sabes que no meu sindicato eu sou a secretária geral? Então tu não sabes que nós não admitimos que pintentes como tu venham sabotar os direitos dos trabalhadores, e roubar o pão das suas criancinhas? Gira já daqui para fora, e não voltes cá! Não se querem cá vadios! Vai trabalhar, calão! Ora o pequeno pirata!

Engoli em seco a afronta. Mas reconheci que sem querer tinha interferido com os sagrados direitos dos trabalhadores da recolha do papel daquela zona.

E fui-me embora. Logo ao fundo da rua na parede dum prédio onde está um banco, reparei que a parede estava suja.

Aquilo eram letreiros e mais letreiros, cartazes e mais cartazes... uma porcaria.

Tomei uma resolução: corri a casa, trouxe um balde com água e o piçaba da cont. na pág. 10



# DESCARADAMENTE JULIETA

Um folhetim  
por **ESZB GUILHERME**

5º Episódio

## JULIETA NA BARAFEUNDA

No extenuante bar do Cais do Sodré que Julieta passava a frequentar, de vez em quando em companhia da sua "directora espiritual" dona Belisária, as noites eram uma sucessão de repositões, de cenas iguais, de conversas em estereotipado câmbio, de sempre sentido e banais lugares-comuns. A orquestra, disposta num estrado e compoita por uma pianista velha que se vingava do seu mal dos calos pisando maliciosamente o pedal, por um saxofone e um baterista, encarregava-se de enurdecer toda a gente, obrigando-a a falar em altos gritos. Tocavam invariavelmente "Valência", o aplaudido pase-doble "Madrid" e sambas brasileiros que punham a assistência frenética. Os embarcações estrangeiros encharcavam-se de alcohol, piscavam o olho às raparigas sentadas nos lugares ao balcão e a velhota dos lavabos malsinava a sua sorriso: — Pelintras! Desgraçados! — as mulheres dos lavabos são sempre as únicas criaturas mal dispostas nos bares animados...

Todas as noites, invariavelmente, ao som da invariável "Valência", uma mulher a que chamavam "A Setúbal" embriagava-se até à extrema agressividade. Gritava então como uma desalmada que as outras lhe roubavam os clientes, que eram más colegas, que tinham afastado dela o seu Tony, que a invejavam... Uma vez por semana, para dar côr local, socava e mordida de sopetão uma das companheiras de desgraça e dizia-se que só ainda não fora expulsa do antro porque era protegida pelo homem do bar.

Por volta das duas da manhã, afluiam as "pintas bacanas" que até aí conversavam com os porteiros dos bares, jogavam "à vermalhinha" no Bairro Alto ou afundavam a sua espera num cinema. Estes rapazes, cheios de laca e de brihantina mais fascinante do que gordura de ganso, vinham recolher os proventos das suas bem-amadas e melhor batidas... Elas, exultantes, passavam das suas carteiros para os seus bolsos o dinheiro diariamente adquirido, dólares, marcos, libras e francos. E "as pintas" renovavam os seus "cenários" (os fatos), exploravam-nas, davam-lhes "comida de urso" e insurgiam-se se o "bigo" não escorria generoso: — Julgas que sou algum "otário"?

Naquele inverno, a grande moda linguística consistia em duas expressões: — "E o fim da macacada?" — e: — "A tua alcinha é o ir andando". Ouviam-se essas frases a cada momento e Julieta, para afugentar os abutres que a rondavam, dizia-as amiúde.

— A tua alcinha é o ir andando!

Não foi a alcinha de Jerónimo, o "chauffeur" da exótica condessa de Rampopello que uma noite apareceu pelo bar. As suas palavras meigas, também conhecidas no meio pela expressão "a câmbio do banido" (era costume responder-se: — Está-me a adormecer?), Julieta mostrou-se muito dengosa. Adaptando um lugar-comum amoroso, "vê-lo e pagá-lo, foi obra do instante".

Dona Belisária ficou de cabeça perdida. A rapariga não tinha juízo. Estava há quinze dias no Cais do Sodré e já tinha um gigolô que lhe apanhava noventa por cento do dinheiro que ganhava!

Uma tarde, levou Julieta a uma cartomante para ver se a dissuadia daquele amor ruinoso.

— Tens de pensar na tua carreira, filha, esse género de homens é "um atraso de vida, se não fosse eles eu estava-me a rir de todos e assim são todos que se riem de mim..."

A cartomante que, naquela ocasião, tinha uma neta com anginas e o filho único no Luxemburgo, dava sussos profundos e lutava contra o pessimismo, Baralhou as clássicas trinta e seis cartas necessárias à previsão do futuro, cortou-as com a mão esquerda que cheirava a cebola e começou a alinhá-las em cima da mesa à medida que deitava as cartas, lia-se no seu rosto o espanto. Relançava Julieta com uma certa admiração.

— Ah! Az de ouros... Rei de copas... Nove de paus, presentes, jóias... Dama de paus, ups, ups... A Dama de Ouros é que está a interferir nas 6 passagens.

— Então, então? — perguntava dona Belisária que desejava a previsão das maiores desgraças para afastar Julieta de Jerónimo.

— Ups! Ups! Tenho quarenta anos de profissão honesta e nunca vi um futuro como o desta menina... Vai ser podre de rica, vai casar muito alto...

— Com um "chauffeur"? — quis saber logo Julieta.

— Ups! Ups! — exclamou a cartomante — Quem me dera um destino destes para a minha neta, coitadinha, que está com "emgias".

Estas revelações aumentaram a auto-confiança da rapariga de A-da-Fome e aplacaram as recriminações de dona Belisária. Contudo, nos tempos que imediatamente se seguiram, não foram confirmados pelos acontecimentos. Houve um grande, um enorme, inextricável imbróglio.

Uma noite, o Tony, o afilhado de dona Casimira, o-

Cont. na pág. 14





# O BIP DE OBRA

Cont. da pág. 4

EL-REI

— Seria o que poderíeis chamar conversa fiada! Vossa vetusta progenitora gerou uma louca ideia na maquiavélica pinha: queria que eu fosse trabalhar! Podeíeis imaginar mais louca fantasia?

ALDEGUENDES

— Em verdade... Não me parece uma das mais brilhantes ideias da mamã. Principalmente...

EL-REI

— Vêdes? Vêdes? Ouvide a vossa descendente! Sensata donzela!

ALDEGUENDES

— Principalmente porque em boa verdade... vós não percebeídes patavina de nada!

D. BRIOLANJA

— Vêdes? Vêdes? Ouvide-a vós agora!

EL-REI

— Ó inconsequentes serigaitas! Vós atrevide-vos a desconsiderar o vosso amo e senhor que foi rei daquelas longínquas terras, e que com sábia sabedoria manteve o reino sob um sábio governo durante tantas décadas? Queríeis deliberadamente esquecer a minha sábia diplomacia ao manter-me durante tantos anos firme perante a corrosiva acção daquele antigo secretário D. António da Calçada que só sabia chatear as gentes?

D. BRIOLANJA

— Isso! Agora falaiades da vossa diplomacia, mas bem sabeídes que nesse tempo o que vós queríeis eram sopas e descanso!

EL-REI

— Pois sabeídes que toda a vida hei trabalhado! E sabeídes também, inconsequentes fúfias, que quando eu quiser voltar a projectar no mundo o valor do meu saber não me faltarão gentes ansiosas com mirabolantes ofertas!

AIA

— Tá qui um sinhô qui quer falá com sinhô D. Tomazio!

EL-REI

— Mandaíde-o avinçar, aia Bruzaca!

D. BRIOLANJA

— Quem poderá ser? Esperaiades algúem?

EL-REI

— Senhoras, um rei espera sempre algúem! Mas...

D. JORGE

— Permisit-de que penetre, Majestade?

EL-REI

— Oh! Surpresa das surpresas! Que fazeídes por estas terras, senhor D. Jorge del Broto? Acaso me trazeídes novas do meu antigo reino?

cont. na pág. 15

## OS PINGOS

GOSTO MUITO DE APRENDER  
GOSTO MUITO DE INSTRUÇÃO:  
POR ISSO ESTOU SEMPRE A VER  
PROGRAMAS DE TELEVISÃO.

FAÇA VOCÊ COMO EU,  
META LÁ NO SEU TOUTICHO:  
NÃO SABE GASTAR DINHEIRO?  
O PIMENTA EXPLICA—LHE ISSO!

“AVIÃO” MUITAS PESSOAS  
QUE ANDAVAM A DIZER MAL...  
PALERMAS! ATÃO NÃO SABEM  
QUE O OMO É BESTIAL?

E O GAJO DOS DENTES SUJOS  
A FICHA QUE ELE AMANDAVA,  
QUANDO MUDOU P'RA COLGATE  
E VENDEU CARRÓS À BRAVA?

MAS AQUILO QUE GOSTO MAIS  
É A QUE ACHO MAIS BRILHANTE  
E A LIÇÃO DA SENHORA  
DO FRASCO DESINFECTANTE...

FAZ UM BURAUQUINHO AQUI...  
DEITA PINGOS NA SALADA...  
AGITA DEVAGARINHO...  
PODE SER UTILIZADA!

A CÔLERA É MÃ, JÁ SE SABE  
TEMOS QUE ACABAR COM ELA:  
MAS ACHO CURTA A LIÇÃO:  
SÓ TRÊS COISAS NA TIJELA!

EU VOU—LHE MAS É PEDIR  
QUE DIGA (SEM DAR NAS VÍSTAS)  
QUANTOS LITROS DE LEXÍVIA  
SE DEVEM PÔR NOS FASCISTAS!

## OS RIDÍCULOS

O MAIS  
ANTIGO SEMANÁRIO  
HUMORÍSTICO  
PORTUGUÊS

DIRECTOR  
SILVA NOBRE

PRÓPRIEDADE  
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração  
Rua Conde de Redondo  
n.º 12—2.º — LISBOA  
Tel. 53 85 85—53.79 49.  
4 86 68—56 31 58

Composto e impresso na  
LISGRÁFICA, S.A.R.L.

Distribuído para todo o  
país por Agência Portu-  
guesa de Revistas — Rua  
Saraiva de Carvalho —  
Lisboa

## ANÚNCIOS

VENDE-SE

Cursos de cozinha por correspondência, ensinando as cem maneiras de fazer pratos de conserva. Ensina a abrir as latas, a não se cortar nos dedos e a comer com a mão. Muito prático para campistas. Resposta ao número 25.

Lote de bikinis de vários padrões, que foram encontrados em várias praias da nossa costa. Há também outras peças de “lingerie” que se saldam. Resposta ao número 69.

COMPRA-SE

Automóvel utilitário para substituir um que gasta muita gasolina. Resposta ao número 75.

Lambreta em bom estado, para trocar por automóvel utilitário. Resposta ao número 50.

Bicicleta com mudanças, para trocar por lambreta. Resposta ao número 25.

## TRABALHO DOMINICAL

Cont. da pág. 7

retrete, mais um bocado de sabão, e dirigi-me resolutamente para a porta do banco.

Comecei a fazer uma lagarica daquelas que eu sei fazer, e que a minha Felismina embirra, mas não hesitei. Depois de ensabonar a parede ao pé da porta, atirei com a água do balde, assim em jeito de água vai, para fazer uma verdadeira baldeação como vi uma vez fazer ao Clark Gable um navio de guerra, mas como tinha as mãos sujas de sabão, o balde escorregou-me, e fôí atrás da água. E fôí direito ao vidro da porta do banco. E partiu o vidro, e eu que ia ainda a ver se conseguia agarrar o balde no ar, fui atrás dele, e sem saber como nem como não, vi-me lá dentro do banco, es-

palhado ao comprido.

Quando me consegui levantar senti que me amparavam dois policíacos, um de cada lado.

E um deles disse-me:

— É pá, é preciso seres muito espúcido para queres assaltar o banco, logo hoje que até é dia de trabalho, e estava cá gente dentro! E a estas horas da manhã! Mas deixa lá, lingrinhas, que agora vais descansar uma temporada, e como vais ter comida de borla, nem precisas de dinheiro...

Agora estou à espera que isto tudo se resolva. Mas desconfio que nunca mais trabalho ao domingo. Ou melhor pensando: desconfio que nunca mais trabalho.

# JÁ VIU A GRANDE FARRA?

ORA  
CONTE-NOS

OPERÁRIO

OH SE VI... VI 48 ANOS  
UMA GRANDE FARRA  
DE MEIA DÚZIA A COMER  
E 8 MILHÕES COM FOME!

MENINO BEM

PARA MIM A VIDA  
FOI SEMPRE UMA  
GRANDE FARRA...  
FOI E HA-DE  
CONTINUAR A  
SER...

A DO JORGINHO  
DE BRITO DO BIP?  
POIS VI SIM  
SENHOR, MAS NÃO  
COMO É QUE AQUILO  
VAI ACABAR...

BANQUEIRO

CIDADÃO  
COMUM

SOLTEIRONA

NÃO ME FAÇA  
VOMITAR MAIS...  
A ÚLTIMA GRANDE  
FARRA DE QUE OUVI  
FALAR FOI A DO  
GOVERNO DOS PIPES...

EU NÃO SEI O QUE  
SÃO ESSAS COISAS...  
EU SOU UMA MENINA...  
PERGUNTE AO FERRA...

FERRA



CRONICAS DA CONTRA PESSONHA

Depois dos sessenta e cinco anos, há um grande número de pessoas que embarcam na ilusão de regresso à juventude. "Só há idades de espírito", declaram eufóricas perfeitamente anestesiadas pelo poder duma frase tão aliciante e pelo desejo mais do que demente de voltarem à idade dos entusiasmos na idade do lumbago... Fazem ginástica, recebem massagens, afectam a vitalidade que não tinham aos vinte anos, sentem-se com trinta e, um dia, "mais novos do que nunca", caem redondas com um enfarte do miocárdio... Não há dúvida de que as doenças de coração, o flagelo da nossa época, aumentaram consideravelmente desde que os sexagenários se convenceram de que podem competir com qualquer jovem, na actividade frenética, nas aventuras galantes e no desafio às emoções. Morre-se muito mais cedo, emboas às vezes com uma aparência formidável, é verdade. Mas mais vale morrer mais velho e menos jovem...

Centenas de artigos e livros enganadores espalham doutrinas fatais pelos que entram na velhice. "A vida começa aos setenta anos", promete-se numa capa. "Aprenda a ser jovem aos oitenta", convida outra. As fotografias dos centenários do Cáucaso que andam a cavalo surgem pelo meio dessas publicações, ávidamente consumidas por pessoas a quem já custa a andar a pé. E a proza diz invariavelmente:

— "O segredo da juventude não consiste no recurso a drogas, banhos turcos, dietas, vitaminas, massagens, operações de estética mas principalmente em manter bem vivos os seus interesses, acompanhando e compreendendo as novas gerações".

Uma parte desse discurso anti-caruncho parece-me verdadeira. A outra um dislate. Pedir a um velho que compreenda um jovem é como pedir a um bombeiro que compreenda um incendiário. Os velhos compreensivos representam uma comédia onde se aborrecem mais do que se divertem em, então, encontram-se completamente senis. No nosso intenso e apressado tempo, "um século tem vinte anos", como afirma perspicazmente Lúcio Costa, e as transformações morais são tão rápidas e profundas que, aos quarenta anos, já nos sentimos mais longe da nova geração do que, antigamente, um octogenário se sentia de uma rapariga de dezoito, sendo a sua época de lento progresso moral. De resto, a compreensão não se improvisa. De resto, os novos não precisam da compreensão dos velhos. Estes é que necessitam dela, e mudando as posições para se mostrarem modernos, jovens e progressistas, apenas complicam ou dificultam ainda mais as suas relações

com a juventude. As crianças perdem o respeito pelos adultos quando eles se mostram infantis para se aproximarem delas. Os jovens troçam dos velhos, sempre que eles encenam a farsa da compreensão para que não os considerem uns "Fósseis". Além disso, compreender os outros por cálculo de rejuvenescimento, não está certo!

A juventude dos cabelos compridos, das canções de protesto, da busca de religiões esotéricas e orientais, da liberdade sexual, da emancipação das raparigas é muito diferente da juventude do meu tempo — tão diferente como a luz eléctrica de uma candeia de azeite. Nunca pensei em arvorar em relação a ela o olhar compreensivo que não passa de uma atitude. Aprecio-tanto como apreciei a minha juventude porque os costumes e os ideais são diferentes mas a febre de viver, o entusiasmo, a capacidade de sonhar e de amar continuam a ser a dos jovens verdadeiramente jovens de todos os tempos. Porque eles contestam valores importunos e decadentes da sociedade e os substituem por uma vida mais franca, mais pura e menos hipócrita, porque amam a liberdade, porque sabem dizer que "não", porque fazem parte activa do país onde vivem, porque procuram e porque pensam antes de aceitar os caminhos que se lhes

cont. na pág. 10



Por EZEQUIEL

# AS GRANDES AVENTURAS

## A CAÇADA

**E**u não sei porque é que as pessoas insistem em chamar impossíveis às coisas que não compreendem. Claro, para os seus tacaños intelectos trata-se de impossível tudo aquilo que eles não sabem fazer ou não sabem como é que se faz. Mas nós os sábios temos sempre os nossos esclarecidos espíritos abertos a todas as coisas, somos feitos de diferente massa. Para nós, não existe o impossível. O que as pessoas chamam o impossível é para nós uma coisa que podemos explicar. Hoje... Ou daqui a cinquenta anos...

E foi uma dessas coisas que me aconteceu aqui há anos, quando eu, para me distrair numas férias, decidi ir caçar leões para o interior da África Central.

Ora em boa verdade — e eu sou muito verdadeiro — eu nunca tinha caçado leões. Nem sequer coelhos, porque nunca tive dinheiro para tirar a licença de porte de arma, e muito menos para comprar uma caçadeira.

Mas um dia que recebi como herança de um tio velho uns trastes que ele tinha no sótão, reparei que entre eles vinha uma espingarda do tempo das invasões francesas, velha e ferrugenta, e com uma grande baioneta espetada na ponta.

E aquilo deu-me uma ideia: já tinha espingarda, portanto já podia ser caçador. Mas se eu aparecesse com aquela espingarda lá p'ras bandas da Malveira ou do Alentejo, com certeza que os outros caçadores desatavam a rir de mim. Aquela espingarda só poderia causar impressão lá para os confins de África...

E foi assim que eu arranji passageiro num cargueiro, e depois numa caravana de beduínos que iam para uma colónia de férias "pop", e finalmente cheguei a uma aldeia indígena perdida lá nos confins duma terra qualquer onde a mão do homem branco nunca tinha posto o pé.

Claro, vocês estão a ver: quando eu apareci com a minha mochila às costas, e a espingarda velha com baioneta e tudo ao ombro, os indígenas lá da terra fizeram-me uma festa. E eu para os não decepcionar, e sobretudo para que eles não pensassem que eu ia para ali com más intenções, disse-lhes com o valioso auxílio dum interprete que percebia muito bem os meus gestos, que era um grande caçador, e que ia caçar leões.

Fizeram um grande batuque em minha honra e alargaram-me uma palhota nova, com uma divisão assalhada que era a primeira duma urbanização que eles tinham pois decidido fazer.

E passei ali uns dias deliciosos! Comecei a falar a língua deles, e às noites, como não havia televisão sentavam-se todos à minha volta e eu sentia-me Victorino Nemésio a contar-lhes as minhas histórias de caça no jeito do "Se bem me Lembro".

Como ao fim de um certo tempo cheguei à conclusão que ali não costumavam aparecer os leões — nem sequer os de Alvalade — enveredei confiadamente pelas histórias formidáveis das minhas caçadas, daquelas em que o leão saltava sobre mim no último momento, e eu ágil como um gato, no velho estilo do Damas, o fintava para um lado e o esganava em pleno ar, sem lhe dar a mínima chance de meter golo no meu físico.

As minhas férias decorriam assim calmas e sossegadas, e todas as manhãs para dar mais realismo à minha estadia e continuar a disfrutar do respeito dos pacíficos habitantes da aldeia, eu saía, com a minha velha espingarda ao ombro, e dava uma larga passeata pelos bosques. E os indígenas segredavam uns para os outros não escondendo a sua admiração.

— "Lá vai o grande caçador branco matar mais leões!"

Outra vez as velhas diziam:

— "Ele é tão valente que até antes dele chegar, já os leões tinham medo de vir até perto da nossa aldeia!"

Na realidade ali mesmo no interior da África Central, em plena selva, devo dizer — eu sou verdadeiro — nunca vi bicho maior do que uma outra cabrita a correr ao longe ou um lagartinho a torrar ao sol.

Depois regressava à minha palhota, e à noite contava aos indígenas que nessa manhã tinha morto um casal de enormes leões só com uma bala.

— Só com uma bala? — admirou-se o chefe.

— Evidentemente, meu velho! Até mesmo aqui é preciso saber poupar para deter a crise e não cairmos num caos económico! Não te esqueças que isto é uma crise mundial, e eu colaboro nela desta forma: espero que os dois leões fiquem um atrás do outro, e depois só com um tiro, atravesso os dois!

— Formidável! Bayete! Grande caçador branco ser grande sábio! Ter muito esperto no cabeço! — proclamou o chefe.

Mas um dia... há sempre um dia! Estava eu muito sossegado a contar os troncos das árvores que tinha na frente, quando todos os habitantes da aldeia vieram a correr e a gritar, com o chefe à frente:

— Leão! Leão! Senhor grande caçador

branco, leão grande está ali perto! Leão muito mau, senhor! Vai correndo matar ele, depressa! Senhor, salva gente nossa aldeia!

Dei um pulo de sobressalto. Esta agora! Então estava eu tão tranquilo, numa terra onde não havia leões e agora aparecia um! E eu que lhes tinha contado todas aquelas histórias, tinha que o ir caçar? Que grande sarilho!

Ainda os tentei convencer a irem eles com as suas azagaias, para se cobrirem de glória e ficarem toda a vida a contar aos netos que tinham caçado um leão, mas o chefe cortou pela base a minha sugestão:

— Leão ser muito grande e muito mau. Comer muita gente. Só grande caçador branco pode matar ele. Vai depressa, com espingarda grande e mata ele.

Coecei a cachola, e vi que não tinha outra alternativa. Assim entrei na palhota, pus a espingarda ao ombro e saí da aldeia, entre os aplausos da multidão.

E fui.

Fui com muito cuidadinho, a olhar para todos os lados, até porque a espingarda não tinha balas, que o meu velho tio não tinha deixado nenhuma.

Andei meia hora ali pelos arredores, e a pouco e pouco ganhei confiança. Não havia leão em parte nenhuma. Talvez aquilo tivesse sido uma ilusão do indígena que dissera que o tinha visto, ou talvez o leão tivesse só vindo cheirar... E tivesse seguido para outros lugares.

Cont. na pág. 14



# DESCARADAMENTE Julieta

cont. das cartas

receu a esta um pequeno presente, embrulhado com todo o requinte. Ao desembulhá-lo a solícita "madrinha" soltou um berro de horror e indignação. Era o seu cinzeiro de madrepérola, aquele mesmo que Julieta lhe roubara e que depois (este pormenor ignorava-o ela) fora roubado a Julieta pelo melado Estevão que sustentava a mãe, a avó, duas tias, o respectivo gato e três crianças.

— Confessa, tratante! Foi aquela lambisgoia que te deu este cinzeiro que "bifou" de minha casa! Malandro! Devasso! Andas metido com essa pataqueira!

O rapaz, apanhado de surpresa, jurou a dona Casimira que nunca mais viria Julieta — o que era verdade. Porém, a madrinha já se munira do seu guarda-chuva para sovar a rapariga que, segundo se informara, se encontrava aboletada em casa da odiosa dona Belisária. E foi esta quem sofreu o enxovalho, na ausência da hóspede, defendendo-se com uma panela de las vibrantes e raivosas pancadas de guarda-chuva.

— Súcia de ladras! Cáfila de mulheres que querem perverter o meu Tony!

O escândalo não ficou por ali. Apurou-se entretanto,

que já anteriormente, Estevão oferecera o produto dos seus roubos ao Tony, seu amigo do peito. Dona Casimira quase teve um colapso ao saber as novas. Vestiu-se de preto, desatou a gritar que "já não via homens" e por uma chuvosca manhã de Dezembro, tiveram de levá-la à força para o manicômio. Quando voltou, dois meses passados, não parecia a mesma. Convertreu-se em protectora de animais, cuidava de todos os gatos vadios da rua e distribuía milho, todos os dias, aos pombos do Rossio.

Entretanto, Jerônimo encantara-se pela "Setúbal". Julieta sofria terrivelmente e uma madrugada, dona Belisária foi encontrá-la a roer uma grande porção de fósforos encarnados!

— Quero suicidar-me! Não quero viver mais!  
Dona Belisária arrancou-lhe os fósforos da boca (havia muita falta de fósforos, naquela altura), deu-lhe um chá de camomila e pensou que a cartomante se enganara redondamente nas suas previsões.

Mas o grande destino de Julieta ia cumprir-se e já não tardava.

Continua no próximo número.



Porque será que certos patrões são agora tão camaradas e certos camaradas se armam agora tanto em patrões?

O tal ditado: — "Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és" — continuará certo, depois de tantas viradelas?

Um cravo na lapela de certos vira-casacas, não será mesmo uma afronta?

Agora, que somos todos democratas (não somos? ...) e que os "pídes" estão na cadeia (não estão? ...) , quem é que paga as faves das coisas mal feitas?

A Liberdade é uma coisa individual, colectiva ou ambas as coisas?

Mas, afinal, entendem-se ou não?

Porque não fazem de conta que todos os meses são Abril e, todos dias, 25? ...

Um, direito à greve com tantas opções, será mesmo um direito?

Já alguém averiguou do "saco azul" nas escolas secundárias e liceus?

Se as mulheres vierem a ter, como elas exigem, todos os direitos do homem (já viram se a Natureza está de acordo? ...) — como vai ser isso do casamento?

Respostas à Redacção (mas, sem caricaturas e com cuidada redacção... por causa das multas e suspensões).

ARIM

## AS GRANDES AVENTURAS

Cont. da pág. 13

E de tal forma ganhei confiança, que me convenci que não havia o mínimo perigo naquelas moitas de denso matagal onde eu passava, e até no intuito de ver se apanhava algum lagarto adormecido, comecei a meter a baioneta que estava na ponta da espingarda, pelas moitas dentro,

assim como quem bate colhos em valados.

Espetei e fartei-me de espetar. Até que me convenci que se tinha havido leão ele já tinha mudado de rumo, e atirando a espingarda para o ombro decidi regressar à aldeia.

Mal cheguei às imediações vi logo a multidão dos indíge-

nas, com o chefe à frente, a saudar ruidosamente o meu regresso.

— Viva! Viva! Bayete! Grande caçador branco matou o leão mau! Grande caçador branco ser mais valente que toda gente!

Confesso que fiquei embaçado. Em boa verdade — e

eu sou muito verdadeiro — não lhes podia dizer que tinha morto o leão, que nem sequer o tinha visto. Mas por outro lado, aquilo era verdadeiramente a minha consagração como grande caçador branco no interior da África misteriosa. E eu não podia desapontar também aqueles pobres indígenas.

— Bayete, bayete! Nunca branco nenhum foi caçador tão grande como o nosso! Matou grande leão que comia muita gente!

Agradei modestamente a recepção que me foi feita, dizendo para com os meus botões que bom seria que ninguém mais tornasse a ver nenhum leão, porque contar histórias é uma coisa, e meter-me em sarilhos é outra muito diferente. E foi por isso que eu comecei a pensar em acabar as minhas férias e regressar à civilização.

Quando cheguei à minha palhota, encontrei-a enfeitada de flores e rodeada por indígenas que me tributaram uma enorme ovação.

Tinha ainda a espingarda ao ombro e curvei-me profundamente para a agradecer.

E foi então que senti o peso da espingarda, e fui para a poisar no chão. E qual não foi o meu espanto quando reparei que enfiado na baioneta estava um enorme leão, que eu sem sequer ter dado por isso, tinha espetado quando enfiara a baioneta pelas moitas dentro, e lá ficara espetado fulminado com aquela facada no coração.



# SÁ PARA SI CAVALHEIRO

## CORTAR CEBOLAS SEM CHORAR

Se a sua mulher o mandar cortar cebolas (elas, hoje, mandam uma pessoa fazer tudo...), não se atralhe que não chora. Siga, apenas, o nosso conselho: arranje uns óculos de automobilista (daqueles bem grandes) e corte quantas cebolas ela (a sua mulher) quiser!

## COM LUVAS DE BOX...

Pode matar moscas, mosquitos e outras parasitas que lhe entrem em casa. Evita, assim, os inconvenientes de certos produtos e, simultaneamente, decora as paredes e a mobília ao sabor da época — na qual os parasitas abundam e podem ser aproveitados para decoração... extra mesas de café! O processo não se aconselha, com tudo (isto é, com luvas), para usos pessoais propriamente ditos. É muito duro e há partes do corpo bastante sensíveis!...

## RECEITAS RÁPIDAS

Para um almoço ou jantar rápido — quando ficar encarregado disso, aí vão duas receitas rápidas:

1 — Compre pão, compre queijo... e comam pão com queijo! Tem, ainda, as alternativas de comprar, em vez do queijo, chouriço, presunto, latas de conserva, manteiga, etc, etc.

2 — Faça ovos cozidos que é uma coisa que não custa nada a fazer! Já sabia disto tudo, não sabia? Pois é mas, muitas vezes não ocorre e, esta secção é para o ajudar, de qualquer modo, nos seus trabalhos domésticos!

## NÃO DISCUTA...

Não discuta com a sua sogra nem com a sua mulher (quando elas estiverem juntas, sobretudo), pois começar com uma é começar com a outra). Só com o sogro (elas vão logo a seu favor...) ou com os filhos (mas, nem sempre e se eles ainda forem pequenos e ainda não tiverem aderido ao "Partido Único Familiar"). Também já sabia, não sabia? Pois, pois... Mas, quantas vezes é que você se tem tramado (e arrependido) por não se lembrar disto?...

## ARRANJE UM GATO...

Se quiser saber, dia a dia, "como é que as coisas estão" quando chega a casa, compre um gato (um gato mesmo, não uma gata). Os gatos (as gatas, nem sempre...), quando os ares estão turvos, desandam logo. Portanto, se o gato não estiver em casa, acatele-se... Se o gato sair porta fora mal você vá a entrar, o melhor será ir atrás do gato e voltar um pouco (ou muito) mais tarde, conforme o gato fizer. Este conselho foi-nos dado há muitos anos mas, lá em casa não gostam de gatos — nem, tão pouco, de gatas... Essa é a dificuldade: meter o gato em casa!...

## E, POR HOJE...

... por hoje, chega — que o jornal não se faz só para esta secção!

# O BIP DE OBRA

Cont. da pág. 10

D. JORGE

— Novas vos trago, senhor, novas vos trago. E de apreciável monta...

EL-REI

— Dizeide então, D. Jorge! Bem sabeides que sempre estendi a minha sábia protecção aos Mecenas da Corporação das Usuras, ou como vós mais apreciáeis ser chamados, banqueiros...

D. JORGE

— Assaz o sei, Mjestate. E por isso venho. Sabeide que grossas broncas tem havido na nossa terra...

EL-REI

— Mais bronca menos bronca... pouco monta. Mas algo se passa com a vossa loja? Estareides vós à rasca?

D. JORGE

— Em boa verdade... assim é. Sabeide que surgiu repentinamente um Bip d'obra...

EL-REI

— Quereides dizer um bico d'obra?

D. JORGE

— Infelizmente trata-se mesmo dum Bip D.obra. E para sair dele lembrei-me que o melhor seria fazer aquilo que já várias vezes sabiamos fazer: uma nova emissão de rifas lá da loja, para a plebe comprar a pensar que vai ficar rica e para eu arrecadar os cabedais e ver se me safo desta enrascada...

EL-REI

— Hum... talvez dé resultado...

D. JORGE

— Dá com certeza! Bem sabeides que a plebe do nosso país se pela por comprar rifas seja lá do que for...

EL-REI

— Mas para que vindes procurar-me? Bem sabeides que eu não vos comprarei rifa nenhuma! Os cabedais não dão para tanto...

D. JORGE

— Não, Majestade: a minha ideia é outra. Bem sabeides que o que interessa quando se faz uma nova emissão de rifas, e que se venda delas, pelo menos a maioria...

EL-REI

— Evidentemente!

D. JORGE

— E também interessa que tudo seja feito o mais à chucha-calada possível! Terá que ser uma operação feita em completo sigilo... ou quase!

EL-REI

— Também se compreende. Mas então...

D. JORGE

— E mister se torna que a venda seja feita por alguém cuja integridade, cujo prestígio e cuja popularidade sejam garantias de venda...

EL-REI

— Da maioria...

D. JORGE

— E silenciosa! Por isso vos peço que aciteides o cargo de vendedor da nova emissão das rifas da minha loja, que para isso tendes vos jeito, e tendes também como fácil clientela a vossa maioria silenciosa...

# O ELIXIR DA JUVENTUDE

Cont. da pág. 12

apresentam. É uma geração corajosa e consciente que há-de construir um mundo um pouco melhor.

Daqui a vinte anos, outra geração virá contestar os valores da actual. Não vos tentem rejuvenescer, endoidecendo a compreender agora esta e depois a vindoura... O exilir da juventude é estarmos satisfeitos com aquela que pudémos ter, em pleno exercício das nossas energias e sonhos. E envelhecer com verdade, acreditando na velhice que, sendo lúcida e válida, tem sempre um lugar na vida.

A velhice será melhor quando gostarmos dela.

Quando não lhe tivermos horror, inspirando horror aos mais novos (como não o há-de eles ter por uma coisa que aos próprios horroriza!). Acabemos com a busca dos elixires miraculosos!  
Em última análise, há um único segredo da juventude: ser jovem!

## ALFREDO & MÁRIO MOURA, LDA

VENDE

B.M.W. 2002	1973	Morris Clubman	1972
Toyota Corolla	1974	Ford 17 M 4 portas	1970
Audi 100 LS	1972	Simca 1000 GLS	1971
Fiat 124 R	1972	Fiat 125	1970
Ford Cortina GXL	1972	Volkswagen 1302	1972
Ford Capri 1600 GT	1971	Triumph Spitfire	1971
Mercedes 200	1967	Vauxhall Vector Diesel	1968
Ford Cortina XL	1972	Opel 1900 Diesel	1969
Renault R 10	1967	Hellman IMP	1967
		Opel Kadett	1966

FACILITA-SE TROCA E PAGAMENTO  
Rua Barão de Sabrosa, 324-A — Tel. 712667

# SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)  
TEL. 5624-11/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS  
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS  
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS  
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS  
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO  
"EPEDA" E "DELTALOC"